

# Ferdinand de Saussure e seu objeto “desembaraçado do restante”: em busca da metáfora

Andréia da Silva Daltoé

Submetido em 24 de outubro de 2016.

Aceito para publicação em 16 de dezembro de 2016.

*Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 54, outubro de 2017. p. 66-78

---

## POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
  - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
  - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
  - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
- 

## POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>  
Segunda-feira, 23 de outubro de 2017  
20:59:59

## FERDINAND DE SAUSSURE E SEU OBJETO “DESEMBARAÇADO DO RESTANTE”: EM BUSCA DA METÁFORA

## FERDINAND DE SAUSSURE AND HIS OBJECT “DESEMBARAÇADO DO RESTANTE”: SEARCHING FOR METAPHOR

Andréia da Silva Daltoé<sup>1</sup>

**RESUMO:** Da pesquisa sobre as metáforas de Lula, quando Presidente do Brasil<sup>2</sup>, trazemos, para este artigo, a parte em que investigamos, nas obras *Curso de Linguística Geral* (2006) e *Escritos de Linguística Geral* (2004) de Ferdinand de Saussure, pistas sobre a noção de metáfora. Considerando, conforme Gadet e Pêcheux (2004), que a obra de Saussure constitui ainda hoje uma aposta na questão da linguística como ciência e que o que nela foi inaugurado continua a se manifestar em diferentes modos de leitura, apresentamos aqui o estudo realizado nas duas obras do Linguista genebrino, visando a investigar em que medida sua contribuição teórica nos ajudaria a pensar a metáfora de Lula (ML), a partir de uma sequência discursiva escolhida como material de análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** Saussure; Metáfora; Metáforas de Lula.

**ABSTRACT:** From the research about the metaphors used by Luiz Inácio Lula da Silva, when he was President of Brazil, we bring, to this article, the part in which we seek, at the works *General Linguistics Course* (2006) and *General Linguistics Writings* (2004) of Ferdinand de Saussure, clues about the notion of metaphor. Whereas, according to Gadet and Pêcheux (2004), that Saussure's work is still a bet on the issue of language as a science and what it was inaugurated continues to manifest itself in different ways of reading, we present here the study performed in the two genevan linguist works, in order to investigate to what extent his theoretical contribution would help us to think about Lula's metaphor (ML), from a discursive sequence chosen as material of analysis.

**KEYWORDS:** Saussure; Metaphor; Lula's metaphors.

### 1. Questões iniciais

“[...] línguas há em que é impossível dizer  
‘sentar-se ao sol’”  
(SAUSSURE, 2006, p. 135).

---

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPGCL da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, doutora em Teorias do Texto e do Discurso (2011) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS: [andreia.daltoe@unisul.br](mailto:andreia.daltoe@unisul.br)

<sup>2</sup> Nesta pesquisa anterior, analisamos as metáforas coletadas nos dois mandatos em que Lula esteve na Presidência.

A língua como *jogo de xadrez*, como *sinfonia*, como trem *expresso*, como *tesouro*, como *moeda*, como *folha de papel*... são algumas das metáforas<sup>3</sup> de que o *Curso de Linguística Geral*<sup>4</sup> ([1916] 2006) lança mão para explicar o objeto teórico de Ferdinand de Saussure. Embora algumas destas metáforas possam nos interessar, o que pretendemos, porém, em Saussure, é investigar se há espaço em sua obra para pensar a questão do sentido e, por aí, o funcionamento da metáfora.

Sabemos, no entanto, que os riscos são muitos nesta investigação, dada a força que exercem em nós as leituras já feitas da obra saussuriana, tendendo-nos ou a repeti-las, ou a forçá-las em direções outras. Nosso objetivo é evitar um e outro riscos, não deixando de considerar que, conforme Gadet e Pêcheux<sup>5</sup> (2004), qualquer apresentação da teoria saussuriana já é um posicionamento e um partidarismo em relação às condições históricas de cientificidade da linguística” (2004, p. 56).

Importante destacar que não entraremos na contenda do que sejam as “verdadeiras” ideias de Saussure, se estão investidas ou não dos comentários dos alunos que a publicaram, Charles Bally e Albert Sechehaye, em 1916; ou ainda, se os *Écrits de linguistique générale* (2002)<sup>6</sup>, obra recentemente publicada depois de encontrados manuscritos de Saussure, mantêm-se fiéis ou não às ideias do autor. Nosso interesse está em procurar nestas duas obras questões que nos permitam pensar o sentido e, talvez, por meio dele, a noção de metáfora. Todavia, já cientes, de antemão, que tais questões não estariam no explícito das palavras de Saussure, nossa leitura parte em busca de pistas. Vamos a elas.

## 2. O que retorna ao objeto saussureano

No CLG (2006), Saussure, para definir o objeto da Linguística, a língua, necessitará não só explicitar como a compreende, mas também justificar por que dela excluiu a fala. Não queremos aqui lamentar, como acontece em algumas das voltas a Saussure, a exclusão da fala dos estudos da língua, quando entendemos a que objetivos o linguista genebrino se propunha.

O que pretendemos é investigar, justamente nas explicações sobre essa exclusão, pistas da complexidade do objeto que Saussure tentou tratar cientificamente, justificando, para isso, ser “*necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem*” (2006, p. 16-17). Com este propósito, para livrar seu objeto teórico de tudo que pudesse comprometer sua ciência da linguagem, Saussure vai distinguir seu objeto de todo o resto – um “aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si” (2006, p. 16).

<sup>3</sup> Encontramos estas ocorrências nas seguintes páginas: *jogo de xadrez* (p. 32), *sinfonia* (p. 26), *trem expresso* (p. 126), *tesouro* (p. 21), *moeda* (p. 134), *folha de papel* (p. 131).

<sup>4</sup> *Cours de linguistique générale*, a partir de agora referido neste texto como CLG, foi publicado pelos alunos de Saussure (1857-1913) Charles Bally e Albert Sechehaye em 1916, três anos depois de sua morte. Utilizamos aqui a edição em português: SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

<sup>5</sup> Trata-se do texto *Dois Saussure?*, publicado em: GADET, Fraçoise; PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Campinas: Pontes, 2004.

<sup>6</sup> A partir de agora ELG. Trabalharemos com a obra publicada em Língua Portuguesa: BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004. A partir de agora, designaremos esta obra por ELG.

É este “resto” de que fala o autor nossa primeira pista sobre a complexidade que a exclusão da fala vai trazer à definição da língua em Saussure, cuja dificuldade será preservar a língua das *coisas a mais* que a envolvem. Isso nos leva sempre a questionar em que medida foi possível, durante o Curso, manter este objeto teórico livre de tudo que o afeta e, portanto, pode comprometer a ideia para a qual a língua, segundo Saussure, “*parece* suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio *satisfatório* para o espírito” (grifo nosso) (2006, p. 17).

Não estamos recuperando a exclusão da fala para dizer que tudo o que nos interessa está do lado de fora da língua, neste “resto”. Para nós, que nos filiamos aos estudos discursivos, não compreendemos a língua e seu exterior, a exterioridade não estaria do lado de lá, do lado de fora da língua, ela a constitui. Do mesmo modo, não queremos, conforme Pêcheux (1988), imputar a Saussure uma:

[...] responsabilidade teórica em relação a um ‘erro’ que ele tivesse tido que evitar, queremos apenas designar o ponto de fragilidade do edifício saussuriano, sua fenda constitutiva, o lugar central em que o pensamento saussuriano foi transbordado e recoberto pelo impensado, do qual, em outros aspectos, esse pensamento se separava. (1988, p. 245).

Por esse motivo, observamos, na exclusão da fala, o aceite de que há um “resto” que afeta a língua – um *aglomerado confuso de coisas heteróclitas*, mas que Saussure precisará não contemplar em nome de tratar a língua como um *todo por si*, como um “produto social depositado no cérebro de cada um” (2006, p. 33). Não é esta língua-sistema que nos interessa, mas o modo como o próprio CLG aponta para a fragilidade deste *todo por si*, admitindo que, “apesar de tudo, a língua se transforma” (2006, p. 118). Ou seja, ainda que a transformação seja pensada a partir de uma ordem interna, segundo Saussure:

[...] a língua se altera ou, melhor, evolui, sob a influência de todos os agentes que possam atingir quer os sons, quer os significados. Essa evolução é fatal; não há exemplo de uma língua que lhe resista. Ao fim de certo tempo, podem-se sempre comprovar *deslocamentos sensíveis*. (grifo nosso) (2006, p. 91).

São pistas desta natureza que nos permitem dizer que, no percurso teórico do CLG, algo *foge ao controle* (2006, p. 91) e deslocamentos acontecem. Assim, embora defenda que “a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria” (2006, p. 31), verificamos que, para atingir seus objetivos, Saussure precisará lutar, o tempo todo, para manter a língua “desembaraçada do restante” (2006, p. 21), eliminando “dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo” (2006, p. 29).

Uma forma de tratar deste *a mais do sistema* pode ser observada em Saussure no que o autor define como Linguística Externa, a qual abarcaria *tudo que seja estranho ao organismo* do sistema (geografia, tempo, história, política), distinta da Linguística Interna, que representaria o *organismo interno do idioma*<sup>7</sup> (2006, p. 30). Neste caso, embora Saussure atribua valor à Externa, dizendo que “essa Linguística se ocupa, todavia, de coisas importantes, e é, sobretudo, nelas que se pensa quando se aborda o

<sup>7</sup> Conforme Saussure, é “interno tudo quanto provoca mudança do sistema em qualquer grau” (2006, p. 32).

estudo da linguagem” (2006, p. 29), as mudanças que interferem na língua serão da ordem do sistema e, portanto, interna. De qualquer maneira, mais uma vez nos apegamos à pista de que há um exterior da língua, não tal como compreendido pelos estudos discursivos, mas, de alguma maneira, considerados pelo Curso.

Esta dicotomia entre o interno e o externo da língua acaba se denunciando frágil no próprio CLG, nos momentos em que a língua aparece como “um sistema de signos que exprimem idéias” (2006, p. 24), pois será, aí, inevitável passar pelo terreno arenoso da relação pensamento/palavra.

O tratamento dado ao signo linguístico vai tentar se preservar desta contenda, considerado como o total da união de um conceito, o *significado*, a uma imagem acústica, o *significante*, o que não impedirá que se trabalhe à sombra de tudo que possa comprometer esta dualidade e fugir-lhe o controle, tanto que, conforme o próprio Saussure, “uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante” (2006, p. 90).

Esta passagem do CLG, que vai apontar para a *impossibilidade da língua diante de tudo que a afeta*, interessa-nos na medida em que parece descolar em alguma medida significado/significante, passando muito perto do que consideramos das relações estabelecidas pelo funcionamento da metáfora. Dessa impossibilidade, duas questões nos interessam: há determinações que afetam a língua e tais determinações fazem deslizar a relação significado/significante.

Este descolamento pode ser pensado a partir do funcionamento da seguinte Metáfora de Lula (doravante, ML), analisada aqui como uma Sequência Discursiva (SD):

**SD 1:** A gente tem que parar com essa bobagem de que político é um ser superior. Não posso rir porque sou político, não posso beber porque sou político, não posso falar palavrão porque sou político. Pode sim. (Lula, 16/02/09)<sup>8</sup>.

Tomemos a primeira sentença desta SD *A gente tem que parar com essa bobagem de que político é um ser superior*. Nela, verificamos as duas questões que apontamos anteriormente: em primeiro lugar, as determinações sociais que afetam o significante, o que faz com que, neste momento da política brasileira, em que Lula está no poder pelo segundo mandato, *ser político* é diferente de *ser político* antes; em segundo lugar, por conta dos fatores sócio-históricos que atingem a língua, o sentido de *político*, antes como um *ser superior*, para, agora, como um *ser normal*, considerando-se o fato de que, pela primeira vez, tínhamos um Presidente de origem humilde.

Ou seja, o que significa *ser político* no passado da política brasileira não é o mesmo quando um homem do povo chega ao poder, impelindo, portanto, o significante a se descolar/deslocar do significado que lhe era “natural”. Este deslocamento, que vem como uma espécie de teimosia (*beber, falar palavrão pode sim*), uma marca da resistência na língua, pode, muito bem, se aproveitar das palavras de Saussure, quando trata dos *fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante* (2006, p. 90). Nesse caso, um deslocamento que mexe nos sentidos estabilizados da política no Brasil.

Vale, porém, lembrar que estamos nos aproveitando de mais uma pista para tentar tal aproximação, só que também não podemos esquecer que, embora o CLG admita, conforme citamos anteriormente, que uma língua é incapaz de se defender dos fatores que deslocam a relação entre significado/significante, Saussure vai procurar dar

<sup>8</sup> ISTOÉ, Especial Brasileiro do ano 2009, 16/02/09, p. 76.

conta destas questões no interno linguístico. Deste modo, no lugar de *determinações sociais* que atingem a língua, ele falará de *forças sociais*, que representam, na obra, o conjunto de convenções necessárias ao uso da língua – “algo adquirido e convencional” (2006, p. 17). Ou seja, as forças sociais que atingem a língua, em Saussure, vão recair sobre a ideia de coletivo, já que, segundo o Curso, não há língua que estaria completa em nenhum indivíduo, apenas “na massa ela existe de modo completo” (2006, p. 21), ou seja, a língua “é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (2006, p. 22).

Verificamos, então, que o *social* do CLG é a condição para que a língua *exista*, mas, também, é a condição para que ela *resista* às mudanças que a afetam. Diferentemente, no caso da SD 1, o significado não se cola no significante e também não podemos pensar que as determinações sociais que afetam este dizer são da mesma natureza das *forças sociais* do CLG, presas a uma língua-sistema.

De qualquer maneira, embora o CLG apresente que as forças sociais imobilizam a língua, é possível verificar quão difícil é sustentar isso quando se reconhece que há alterações, no que diz respeito à mutabilidade do signo, que apontam para o “*deslocamento da relação entre o significado e o significante*” (2006, p. 89). Ou seja, mesmo que o CLG conceba a mutabilidade do signo numa ordem interna, amarrada à linha do tempo, o signo se altera e, conforme Saussure, “a infidelidade ao passado é apenas relativa” (2006, p. 89), o que permite aí reconhecer/admitir que há uma *infidelidade* do signo em relação a um antes. As questões da mutabilidade vão chegar a ponto de pinçarmos do CLG que “o vínculo entre idéia e signo se afrouxou e que houve um deslocamento em sua relação” (2006, p. 89), o que pode ser observado na SD 1, pois o sentido que o significante *político* representava antes, como alguém oriundo da classe alta, ou média-alta, alguém com diploma superior, dotado de normas de etiqueta, etc., já não abriga mais os significados que esta palavra passa a assumir no DL.

### 3. O signo: algo escapa do/no interno da língua

Vamos observando na obra de Saussure sintomas de um objeto não-domável, sempre procurando se afastar de um *aglomerado confuso de ideias heteróclitas*, sob o abrigo de uma objetividade “possível” do sistema. Para nós, a noção de arbitrariedade do signo poderia ser um desses sintomas, por implicar determinada liberdade<sup>9</sup> na relação significado/significante, já que, segundo este primeiro princípio do signo, em Saussure, não haveria nada do significante que o fizesse se colar ao significado, ou seja, “o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (2006, p. 83). Se a arbitrariedade descola a relação significado/significante, a questão nos interessa, mas compreendemos que Saussure pensa o princípio a partir das regras de um acordo coletivo. E é justamente a questão do coletivo que resta comprometida quando analisamos toda a polêmica em torno das ML, apontadas em grande parte pela mídia como um problema ao discurso

<sup>9</sup> Vale ressaltar que esta “liberdade” do arbitrário acaba sendo anulada pelo princípio da continuidade (2006, p. 93), já que o que muda na língua acaba guardando sempre algo do passado. Do mesmo modo, conforme o CLG, o arbitrário “não pode dar a idéia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo linguístico)” (2006, p. 83).

político. Não houve aceitação desse modo de falar sobre política, predominava nas críticas às ML um forte estranhamento em relação a um ideal de língua política, preso a sentidos cristalizados. Ou seja, não há um coletivo social que garanta o entendimento da relação significado/significante, há, conforme Rancière (1996), um litígio em torno da palavra, um desentendimento, compreendido como um conflito em situação de palavra, em que “um dos interlocutores ao mesmo tempo entende e não entende o que diz o outro” (1996, p. 11).

É, então, no embate entre significado/significante que fomos buscar em Saussure a questão do sentido pelo viés da noção de valor, onde julgamos encontrar um espaço de discussão importante para nosso trabalho, atraindo-nos a ideia de que, conforme o autor, não há no signo um valor que lhe seja *intrínseco* (2006, p. 82). De aproximada maneira, a noção de mutabilidade do signo, embora recaia sobre a ideia de um tempo linear e cronológico que altera o signo, também não deixa de confessar que algo no signo linguístico “escapa à nossa vontade” (2006, p. 85). Assim, mesmo que o CLG afirme que a língua possa ser estudada isoladamente, como um sistema autônomo, essencial, imutável, seu autor considera que este *tesouro* “não é apenas uma nomenclatura” (2006, p. 133) e existe algo a mais trabalhando aí. Aqui o Curso não toca explicitamente as questões sócio-históricas que afetam a língua, mas passa por elas pela noção de arbitrariedade, que vai descolar a dualidade significado/significante<sup>10</sup>, e pela noção de mutabilidade do signo, que vai apontar para um signo que se afrouxou na relação significado/significante. Ou seja, ambas as noções, arbitrariedade e mutabilidade, podem apontar para a dificuldade de manter esta língua afastada do tudo que lhe é *estranho*.

Há, porém, aí uma tomada de decisão de Saussure em não entrar num terreno que lhe fuja o controle, para se abrigar numa ideia de permeabilidade do signo possivelmente controlada na linha do tempo, já que, para ele:

As causas da continuidade [do signo] estão *a priori* ao alcance do observador; não ocorre o mesmo com as causas de alteração através do tempo<sup>11</sup>. Melhor renunciar, provisoriamente, a dar conta exata delas, e limitar-se a falar, em geral, do deslocamento das relações; o tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal. (2006, p. 91).

Podemos dizer que as leis sincrônica e diacrônica representam esta maneira *exata* que Saussure encontrou para dar conta das alterações do signo, porque amarra, no interior da língua, a organização de tais mudanças: do sincrônico, como uma *relação entre elementos simultâneos* e, do diacrônico, como a *substituição de um elemento por outro no tempo* (2006, p. 107). Nesse caso, as transformações que um signo sofre seriam explicadas pelo próprio sistema linguístico, o que impede pensar, pelo viés da sincronia e da diacronia, as relações mobilizadas pela metáfora entre uma palavra e

<sup>10</sup> Saussure trata disso também pela noção do imotivado, quando diz que “o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (2006, p. 83).

<sup>11</sup> Conforme Saussure, “a limitação no tempo não é a única dificuldade que encontramos na definição de um estado de língua; o mesmo problema se coloca a propósito do espaço. Em suma, a noção de estado de língua não pode ser senão aproximativa. Em Linguística estática, como na maior parte das ciências, nenhuma demonstração é possível sem uma simplificação convencional dos dados” (2006, p. 118).

outra, pois tal funcionamento, para nós, passa pela questão do sentido, mas extrapola o interno da língua e não é da ordem de uma linearidade cronológica. Para nós, a história que afeta a língua não está condicionada à linha do tempo, é de uma complexidade material bem maior. Para o CLG, a lei diacrônica, que rege a linguística histórica, seria mais fácil que a lei sincrônica, pois:

[...] os fatos de evolução são mais concretos; falam mais à imaginação; as relações que neles se observam se estabelecem entre termos sucessivos que são percebidos sem dificuldade; é cômodo e, com frequência, até divertido acompanhar uma série de transformações. (2006, p. 117).

Enquanto a lei diacrônica seria fácil, para Saussure, a lei sincrônica, que rege o próprio estado da língua, apresenta dificuldades bem maiores, porque se ocupa de valores e relações coexistentes, fato este que aponta para mais uma pista das *dificuldades* que envolvem a questão do sentido em Saussure.

A noção de valor em Saussure, propriedade que tem uma palavra de representar uma ideia (2006, p. 132), nasce da relação mesma com as ciências econômicas, “como um *sistema de equivalência entre coisas de ordens diferentes*” (2006, p. 95), realizando-se por conta de dois eixos: 1º eixo das similitudes, que diz respeito às relações entre coisas coexistentes; 2º eixo das sucessões, significando que não se pode considerar mais de uma coisa de cada vez.

A metáfora do jogo de xadrez, utilizada em vários momentos do CLG e dos ELG, em que Saussure compara a língua com um jogo, vem para explicar que, tanto na língua quanto no jogo, conforme o CLG, “estamos em presença de um sistema de valores e assistimos às suas modificações” (2006, p. 104). Todavia, embora considere que o sentido de uma palavra possa mudar a partir do lugar que ocupa, assim como as peças mudariam no *jogo de xadrez*, verificamos que, conforme Saussure, novamente tentando segurar as modificações no interno do sistema linguístico, “os valores dependem também, e sobretudo, de uma convenção imutável” (2006, p. 104).

De maneira distinta, consideramos que a posição que cada palavra ocupa interfere, sem dúvida, em seu sentido, mas isso não poderia ser organizado por sua estrutura interna, e sim pelas determinações histórico-social-ideológicas que a atingem. No caso da SD 1, *político* significava de uma maneira no Brasil República, depois diferentemente no Brasil Ditadura Militar, assim como em nossa fase democrática, a partir dos diferentes sujeitos que passaram a ocupar a posição de Presidente da República e do modo como se inscrevem diferentemente nas filiações de saberes.

Portanto, segundo Gadet e Pêcheux (2004), a imagem do jogo de xadrez em Saussure, por implicar um número finito de casas, de peças e de combinações, trata de uma língua a ser recoberta por um todo elíptico de regras finitas. De modo distinto, conforme objetivamos observar na ML, a cada *jogada*, não é apenas uma troca de *peça*, pois cada uma vem investida de determinações ideológicas que a constituem e, por isso, nem a *peça* é mesma, nem o *jogo* o será, extrapolando os limites de seu tabuleiro. Ou seja, pode-se jogar com as regras do jogo, mas também se pode trapacear com elas, conforme Leandro-Ferreira (2000).

Neste caso, nos deslizamentos que observamos nas ML, não se trata, portanto, de trocar a peça do *cavalo*, conforme exemplo do CLG, por qualquer outro objeto que o substitua no tabuleiro e manter-se-ia o mesmo sentido, já que as regras estariam garantidas, diante do pressuposto de que “não somente um cavalo, mas uma figura

desprovida de qualquer parecença com ele será declarada idêntica, contando que se lhe atribua o mesmo valor”<sup>12</sup> (2006, p. 128).

O que observamos, no funcionamento das ML, é que o processo de deslizamento de um sentido a outro faz com que já não seja mais a mesma peça, nem o mesmo valor e, portanto, nem o mesmo jogo. Para nós, o DL altera o jogo da política brasileira, restando, conforme Roland Barthes<sup>13</sup>, “trapacear com a língua, trapacear a língua<sup>14</sup>” (1978, p. 16).

Além do jogo de xadrez, talvez a metáfora do *expresso* e da *rua reconstruída* (2006, p. 126) possa se constituir numa pista considerável, quando Saussure, ao tratar dos problemas que envolvem a questão da identidade/diferença na língua, emprega a seguinte analogia: dois expressos Genebra-Paris, que saem às 8:45 da noite, cada um com 24 horas de diferença. Para Saussure, “ao nossos olhos, é o mesmo expresso, e no entanto, provavelmente, locomotiva, vagões, pessoal, tudo é diferente. Ou então, quando uma rua é arrasada e depois reconstruída, dizemos que é a mesma rua, embora materialmente nada substitua a antiga” (2006, p. 126). Aqui, Saussure vai dizer que esta relação de diferença acontece, porque a entidade que constitui a rua “não é puramente material; funda-se em certas condições a que é estranha sua matéria ocasional, por exemplo sua situação relativamente às outras” (2006, p. 126), e, com isso, permite pensar a língua em sua situação, atingida pelo mesmo e pelo diferente.

Um outro exemplo que vai tratar do valor do signo é o que Saussure traz sobre a situação de uma conferência, em que se repete, várias vezes, o vocativo *Senhores*. Para o autor, a cada vez que esta se repete, “temos o sentimento de que se trata, toda vez, da mesma expressão, e, no entanto, as variações do volume de sopro e da entonação a apresentam, nas diversas passagens, com diferenças fônicas assaz apreciáveis” (2006, p. 125). Para nós, *Senhores*, a cada vez mobilizado, também não seria o mesmo do ponto de vista discursivo, mas não pelas questões sonoras que o atingem, e sim pela singularidade de seu funcionamento a cada vez que é mobilizado. Embora, Saussure defenda que, em cada emprego, algo da identidade se mantém na expressão *Senhores*, nesta passagem, não deixa de haver a possibilidade de pensar que, a cada vez que a palavra é mobilizada, algo muda e, mudando, atinge seu sentido.

Trazendo esta questão para o funcionamento das ML, não se trata de uma substituição de uma palavra por outra a partir de um princípio de identidade, enfim, de uma substituição que não altere as regras do jogo, como no jogo de xadrez do CLG, em que tais regras, como princípios gerais, existam *independentemente dos fatos concretos* e que sobrevivam *a todos os acontecimentos* (2006, p. 112). Para nós, o sentido só existe em vista das condições de produção que o envolvem, bem como dos acontecimentos que o tomam, diferentemente do que acontece com a partida de xadrez do CLG, em que:

---

<sup>12</sup> Nesta passagem do CLG, valor e identidade se aproximam: “vê-se, pois, que nos sistemas semiológicos, como a língua, nos quais os elementos se mantêm reciprocamente em equilíbrio de acordo com regras determinadas, a noção de identidade se confunde com a de valor, e reciprocamente” (2006, p. 128).

<sup>13</sup> Este texto refere-se à aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, que Barthes proferiu no dia 07 de janeiro de 1977.

<sup>14</sup> Nesta passagem, Barthes vai defender que *essa trapaça* é própria da Literatura, a qual “permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem” (1978, p. 16). Todavia, para nós, *trapacear com a língua/trapacear a língua* é marca de todo funcionamento da língua do ponto de vista discursivo.

[...] qualquer posição dada tem como característica singular estar libertada de seus antecedentes; é totalmente indiferente que se tenha chegado a ela por um caminho ou outro; o que acompanhou toda a partida não tem a menor vantagem sobre o curioso que vem espiar o estado do jogo no momento crítico; para descrever a posição, é perfeitamente inútil recordar o que ocorreu dez segundos antes. (2006, p. 105).

Voltando à SD 1, o sentido da palavra muda com a troca de uma por outra, e não muda só pela passagem de um sentido denotativo para um conotativo, mas pela mobilização de condições histórico-social-ideológicas que afetam a ML, colocando em jogo não relações de similitude entre elementos comparáveis ou substituíveis, mas colocando em jogo relações entre *coisas de ordens diferentes: político como ser superior/político como homem simples*.

Portanto, a diferença de sentido entre as substituições que acontecem nas ML não é da mesma natureza que a do CLG, pois, neste caso, trata-se de uma diferença de ordem opositiva e, no caso das ML, o que observamos é um espaço de contradição, e não de oposição. Deste modo, enquanto o valor do signo “é ser o que os outros não são” (2006, p. 136), já que, para Saussure, “a língua tem o caráter de um sistema baseado completamente na oposição de suas unidades concretas” (2006, p. 124), para nosso trabalho, a questão só interessaria somente se pensássemos tal negação como sendo da ordem de uma não-coincidência do *um* com *o resto*, ou melhor dizendo, conforme Gadet e Pêcheux (2004), como espaço do não-idêntico, “enquanto lugar em que se realiza o retorno do idêntico sob outras formas” (2004, p. 55).

Para nós, a metáfora é o lugar do retorno ao não-idêntico dos sentidos e, no caso do discurso da política brasileira, os sentidos inscritos na ML volta a determinados dizeres para ressignificá-los a partir de numa nova posição política, a partir de um novo modo de se inscrever na posição-sujeito que ocupa.

Diferentemente de Saussure, para quem *um signo é o que o outro não é*, já que “na língua só existem diferenças” (2006, p. 139), a negatividade reduzida à ideia de oposição acaba, segundo Gadet e Pêcheux<sup>15</sup> (2004), por assinalar apenas a propriedade de distintividade, deslizando esta noção para a positividade da comunicação (2004, p. 107). Para nosso trabalho, as diferenças são importantes enquanto diferenças constitutivas, ou seja, cada palavra, a cada uso, seria determinada pelo modo como se inscreve, singularmente, em cada acontecimento discursivo. Assim também, a negatividade, em vez de ser engolida pela ideia de oposição, poderia muito bem representar o lugar do impensado na língua, o que nos autorizaria, por exemplo, a paráfrases do tipo: *um signo é sempre um outro*; ou *um signo é o que um outro não é do mesmo modo*; ou ainda *um signo é o que um outro também poderia ser/ou não ser...*

Talvez, desse modo, nos aproximemos mais do que traz Saussure a respeito na obra ELG em que, segundo o autor, na palavra, “não há unidade alguma (de qualquer ordem e de qualquer natureza que se imagine) que repouse sobre alguma coisa além das diferenças, na realidade a unidade é sempre imaginária, só a diferença existe” (2002, p. 76). Aqui, parece haver espaço para pensar a diferença que atinge a língua a cada emprego, cuja unidade só valeria enquanto efeito do imaginário.

De qualquer modo, se, por completo, a noção de diferença não nos serve, ela também não deixa de apontar que, na relação entre a palavra e sua significação, como o

<sup>15</sup> Trata-se do texto *De círculo em círculo*, publicado em: GADET, Fraçoise; PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível: o discurso na história da lingüística*. Campinas: Pontes, 2004.

próprio Saussure reconhece no CLG, “essa correspondência falha” (2006, p. 135), e, portanto, a língua se constitui por muito mais do que “aparece à primeira vista” (2006, p. 25), enfim, por “*leis estranhas à sua função significativa*” (2006, p. 137), que permeiam toda a obra de Saussure.

Podemos dizer, então, que, apesar das tentativas de segurar o sentido no sistema, a noção de valores toca de perto estas *leis estranhas à função significativa* da língua, afastando-se de uma língua fechada em si mesma, cuja pista está na passagem da obra de Saussure em que defende que um signo não pode significar *a priori*, ou que, na língua, “não existem idéias preestabelecidas” (2006, p. 130), pois, “em lugar de idéias dadas de antemão, valores que emanam do sistema” (2006, p. 136).

A nosso ver, é a noção de valor que vai tirar da língua o poder de um *tudo por si só* e fazer ver outras interferências que a atingem, pois, conforme Gadet e Pêcheux (2004), “o espaço do valor é o de um sistêmico capaz de subversão em que, no máximo, qualquer coisa pode ser representada por qualquer coisa” (2004, p. 59).

É nesta parte da discussão do CLG que o autor vai falar da *relatividade do signo linguístico*, como se percebesse aí, mais especificamente, a dificuldade de afastar a língua de *todo o resto* e, portanto, se deixasse atingir pela invencibilidade das determinações que acabam afetando-a. Autorizamos-nos a este dizer, pois, conforme Saussure, um signo atua, “não por seu valor intrínseco, mas por sua posição relativa” (2006, p. 137). Aqui também encontramos algumas questões que muito nos interessam, como por exemplo e/ou principalmente, quando Saussure apresenta que, em se tratando do signo linguístico, “seu valor, pois, depende do que está fora e em redor dele” (2006, p. 135), do que “existe ao redor dele e nos outros signos” (2006, p. 139). Para nós, trata-se de mais uma das pistas sobre a dificuldade do CLG em manter a língua alheia às *leis estranhas* que a afetam, afinal: “O signo escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial; é, porém, o que menos aparece à primeira vista” (2006, p. 25).

Podemos dizer, então, que a noção de valor aponta para o fato de que o signo escapa do interno da língua, fazendo com que, conforme Gadet e Pêcheux, “o valor sustenta e, ao mesmo tempo, limita o arbitrário” (2004, p. 58), tanto que, para Saussure, nos ELG, “é preciso reconhecer que *valor* exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não *significa*, mas *vale*. [...] Ela vale, por conseguinte ela implica a existência de outros *valores*” (2004, p. 30).

Assim, por mais que, em determinado momento do CLG, a ideia de valor seja determinada pelo consenso geral<sup>16</sup> (2006, p. 132) e pelas relações de oposição e, também, que a relatividade do signo recaia sobre o princípio do arbitrário e do imotivado, não podemos ignorar que, mesmo para o CLG, a língua é só intermediária, não é o fim nem o ponto de partida, é a matéria que *põe em jogo*, pois “todos os valores convencionais apresentam esse caráter de não se confundir com o elemento tangível que lhes serve de suporte” (2006, p. 137). Isto se confirma na passagem em que Saussure compara a língua com uma moeda, dizendo que “não é o metal da moeda que lhe fixa o valor” (2006, p. 137), mas o valor que esta adquire numa relação de troca.

#### 4. A metáfora em Saussure

<sup>16</sup> É nesta passagem em que aparece que “a coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso” (2006, p. 132).

No CLG, Saussure traz uma outra metáfora para pensar seu objeto, que é a comparação de uma unidade linguística com a coluna de um edifício:

[...] a coluna se acha, de um lado, numa certa relação com a arquitrave que a sustém; essa disposição de duas unidades igualmente presentes no espaço faz pensar na relação sintagmática; de outro lado, se a coluna é de ordem dórica, ela evoca a comparação mental com outras ordens (jônica, coríntia etc.), que são elementos não presentes no espaço: a relação é associativa. (2006, p. 143).

Mesmo que, na comparação com o edifício, tenhamos a proposta de relações associativas autorizadas pela via do cognitivo, ou seja, a partir deste “tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo” (2006, p. 143), e isto não seja da mesma ordem de associação que julgamos acontecer no funcionamento da ML, vamos percebendo que os fatores que envolvem a língua, seu exterior (*elementos não presentes no espaço*), passam a ser, de alguma maneira, também aqui considerados em Saussure. De qualquer modo, então, isto nos permite pensar a metáfora no CLG, mesmo que em momentos bastante pontuais, ou até fugidios: “uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra” (2006, p. 146).

Os ELG também passam pela questão quando, para Saussure, seria errado pensar “que há, em algum lugar, *formas* (que existem por si mesmas, fora de seu *emprego*) ou, em algum lugar, *idéias* (que existem por si mesmas, fora de sua *representação*)” (2004, p. 32). Ou seja, podemos ver aí pistas de um deslocamento da noção de metáfora conforme tratada em senso comum – um sentido segundo, figurado, conotativo, a partir de um sentido primeiro, denotativo – e pensá-la como determinada sempre pelas condições em que acontece, o que é nosso interesse na análise que realizamos sobre as ML.

Explicitamente, apenas nos ELG encontramos uma única passagem mencionando o termo *metáfora*, num rápido texto sob o título *Chega de figuras!*, do qual retiramos algo bastante importante para nosso trabalho, se é que conseguimos lê-lo claramente devido às lacunas<sup>17</sup> do excerto. Na passagem, Saussure questiona a ilusão de considerar que há expressões na língua que sirvam de maneira absoluta a determinadas idéias. Ele, então, defende que tentar eliminar as figuras da língua é pressupor “empregar apenas expressões que correspondam às realidades absolutas da linguagem, classificadas de maneira infalível” (2004, p. 200).

Com isso, Saussure vai dizer que designar uma palavra ou não como figura vai depender do que ela representa para cada um, e não porque haveria palavras próprias a um sentido próprio, literal, e palavras próprias a um sentido figurado, conotativo. Portanto, segundo o autor, “Proscrever a figura é se dizer de posse de todas as verdades, de outro modo você fica radicalmente sem condições de dizer onde começa e onde

<sup>17</sup> Estas lacunas, representadas nos ELG por [ ], significam, segundo os organizadores da obra, Bouquet e Engler, trechos em que não foi possível definir o que Saussure havia escrito, ou mesmo, devido a rasgos nos manuscritos. Neste sentido, poderíamos dizer que onde se vê o vazio nesta obra é o respeito dos editores às palavras de Saussure, por isso eles ressaltam que “o texto organizado respeita, ao máximo, o texto do manuscrito, que continua sendo o de um rascunho e não o de um livro acabado” (2004, p. 17).

termina uma metáfora” (2004, p. 201). Esta questão toca de perto Pêcheux e Fuchs (1997b), quando justificam que tirar a metáfora do lugar de um sentido derivado não representaria inverter a relação entre sentido próprio e figurado, mas considerá-la fora do *par núcleo/periferia*, a partir de seu aparecimento em cada caso, podendo funcionar como sentido próprio e como sentido figurado (1997b, p. 244).

Para nós, então, *Chega de figuras!* encerra, em sua exclamação, uma crítica à defesa que determinados linguistas empreendem em prol de uma língua que corresponda a realidades absolutas, o que equivaleria dizer, segundo Saussure, “que as realidades absolutas da linguagem não oferecem mistério para os neogramáticos, que eles as desvendaram para nós” (2004, p. 201). Julgamos encontrar aí, neste pequeno fragmento, algo da metáfora que extrapola sua função figurativa, para pensá-la a partir de suas condições de uso, pois, conforme os ELG, somente a partir do emprego é que se pode “julgar se minha denominação merece o nome de ‘figura’ ou se não o merece” (2004, p. 201).

A nosso ver, a questão da *diferença* em Saussure, nos ELG, deixa de se reduzir à noção de oposição, quando o autor apresenta que o sistema de uma língua “consiste em uma *diferença* confusa de idéias que se movem sobre a superfície de uma diferença [ ] de formas, sem que jamais, talvez, uma diferença da primeira ordem corresponda a uma diferença da segunda, nem que uma diferença da segunda corresponda a uma [ ]” (2004, p. 75).

## 5. Considerações finais

Na investigação que realizamos nas obras CLG e ELG de Saussure, encontramos algumas aproximações com nosso interesse de pesquisa, mas não só, ao mesmo tempo em que foi possível problematizar questões importantes que o autor nos traz e que, em algumas vezes, são tomadas parcialmente como regras de um sistema fechado e imutável que seria a língua. Procuramos trazer tal contribuição para pensar nosso objeto teórico, porque acreditamos que, em Saussure, muito ainda há para explorar sobre este considerado *plano indefinido das idéias confusas* (2006, p. 13), a partir do qual a língua se situa; sobre o valor/valores que interferem nesta língua e, principalmente, sobre o papel do significante, que não pode ser, nestas obras, compreendido somente como uma substância fônica fixa, rígida, enfim, segundo o próprio autor, como um “molde a cujas formas o pensamento deve necessariamente acomodar-se, mas uma matéria plástica que se divide, por sua vez, em partes distintas, para fornecer os significantes dos quais o pensamento tem necessidade” (2006, p. 130).

Esta *plasticidade na língua* serve-nos perfeitamente bem para ilustrar o que pretendíamos estudar, nas ML: diferenças entre os sentidos mobilizados no discurso político de até então e nos sentidos mobilizados a partir do momento em que Lula chega à Presidência. É assim que entendemos que o discurso deste sujeito enunciador marcará, aproveitando-nos das palavras do CLG, “uma não-coincidência com o resto” (2006, p. 137); bem como, também aproveitando-nos das palavras do ELG, que a questão de valores, assim como os sentidos mobilizados nestas metáforas, representará sempre “uma disputa de palavras” (2004, p. 30) – ou, em nosso entender, uma disputa *por* palavras.

Portanto, se para o CLG, o signo “não teria, por si só, nenhuma significação própria” (2006, p. 151) e, para os ELG, “não há diferença entre o sentido próprio e o

sentido figurado das palavras” (2004, p. 67), encontramos aí importantes pistas para nos ajudar a pensar a metáfora, observando, conforme Pêcheux e Fuchs (1997), que, no funcionamento da metáfora, trabalha o exterior específico do interdiscurso que “intervém nas substituições nele produzidas, com o fim de orientá-las” (1997, p. 212).

No caso das ML, não se trata de aproximar um sentido X de um sentido Y por relações de similitude, a partir de um princípio de identidade semântica, cujo resultado representaria  $X+Y=X/Y$ . Para nós, as ML, como uma materialidade do discurso político, se marcam por um funcionamento que, ao colocar em relação X e Y, desfaz a ideia de não-comutabilidade entre elementos tomados como distintos e possibilita um novo modo de dizer a língua política. Ou seja, conforme o próprio Saussure no CLG, “apesar de tudo, a língua se transforma” (2006, p. 118).

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Aula. São Paulo: Cultrix, 1978.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. A língua inatingível: o discurso na história da lingüística. Trad. Bethania Mariani; Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectiva (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

RANCIÈRE, Jacques. O desentendimento: política e filosofia. São Paulo: Ed. 34, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 2006.

\_\_\_\_\_. Escritos de Lingüística Geral. Orgs. Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2004.